

# 3 + 1

Quase um nada | *Almost nothing*

Maria Laet

15.11.19 – 11.01.20

Inauguração | *Opening* 19h – 22h, 15.11.19

Tempo como ação, intenção e desintegração

Em várias partes do mundo a medição do tempo ficou encapsulada nos relógios, dispositivos mecânicos que sucederam o sol, as marés e a areia como formas de orientação temporal. Números também substituíram árvores, pedras, montanhas, córregos, na localização espacial de boa parte dos seres humanos, principalmente a partir da era digital. Na esfera social, as próprias pessoas viraram números em documentos e identificações digitais guardadas em nuvens formadas por dados criptografados e suas ideias são compartilhadas à mercê de algoritmos. O intrigante é pensar que se comparado com a idade da terra e a temporalidade da natureza, este modo de estar no mundo começou há apenas alguns minutos e pode desaparecer em ínfimas frações de segundos. Ao mesmo tempo em que a estruturação da vida radicaliza-se digitalmente, tornando a prática do poder mais imaterial, há um forte chamamento para uma outra maneira de encarar e atuar na natureza física.

Ao defrontar-me com os trabalhos recentes de Maria Laet estas questões sobre tempos humanos e não-humanos e percepções de mundos naturais saltaram logo aos meus olhos. Deparei-me com novas formas de marcar tempos e espaços a partir de uma escala individual com vocação coletiva. Também senti adentrar-me numa espécie de comunidade artística intergeracional formada por artistas mulheres que não necessariamente conheciam-se ou partilharam experiências, mas que estavam e estão sintonizadas por identificações de questões, materiais e gestos. Acho bonito pensar em Maria conversando com Lygia Clark e Amélia Toledo sobre vestígios do corpo no mundo e do mundo no corpo, sobre como tornar visível estas interrelações, sobre como fazer pedras, ar e água expressarem vida e arte, sobre como delimitar sutilmente. Fico imaginando este diálogo ao ar livre, entre pedras, num ambiente de contentamento pelo encontro de pontos em comum. Elas estão em círculo, rememorando as reuniões de mulheres ancestrais.

Um conjunto de imagens de pedras, tornadas fotografuras, parecem cartografar territórios. Uma delas chama-se *Sem título (Casa)* e é formada por um seixo e um espaço vazio gerado por sua deslocação. O tamanho da imagem remete-nos para as formações rochosas e as lagoas que caracterizam o Rio de Janeiro, terra natal da artista, sua casa. No entanto, a casa pode referir-se também ao espaço vazio que existe onde até outro momento albergava a pedra.

Time as action, intention and disintegration

In various parts of the world the measurement of time has been encapsulated in clocks, mechanical devices that succeeded the Sun, the tides and the sand as means of temporal orientation. Numbers have also replaced trees, rocks, mountains, and streams in the spatial location for the better part of humanity, especially with the digital era. In the social sphere, people themselves have become numbers in documents and digital identifications stored in clouds formed by crypto data, and their ideas are shared at the mercy of an algorithm. What is intriguing is that if we compare the age of the Earth and the temporality of nature, this mode of being in the world only really started a few minutes ago and can disappear in a fraction of a second. While the structure of life is digitally radicalized, making the exercise of power more immaterial, there is a strong calling towards an alternative way of viewing and acting in physical nature.

Confronted with recent works by Maria Laet, these questions of human and non-human time and perceptions of the natural world immediately caught my eye. I was faced with new ways of marking time and space from an individual scale, with a collective vocation. I also felt myself entering a kind of intergenerational artistic community made up of female artists, who did not necessarily know each other or share experiences, but who were and are attuned to identifications of issues, materials and gestures. I find it beautiful to think of Maria conversing with Lygia Clark and Amélia Toledo about the traces of the body in the world, and of the world on the body; of how to make visible these interrelationships; of how to make rocks, air and water express life and art; and of how to subtly delimit. I imagine this dialogue outdoors, amongst the rocks, in an environment of contentment for meeting common ground. They are in a circle, remembering the gatherings of ancestral women.

A series of images of stones, made into photographs, seem to map territories. One of them is titled *Sem título (Casa) / Untitled (Home)* and is formed by a pebble and the empty space generated by its displacement. The size of the image brings us to the rock formations and lagoons that characterize Rio de Janeiro, the artist's homeland, her home. However, 'home' may also refer to the empty space which once housed the stone. In other pictures

# 3 + 1

Em outras fotos tornadas gravuras, a luz parece imergir de pedras, e, numa delas, uma fenda encontra-se em destaque. Imediatamente lembrei-me da falha tectônica em que se encontra Lisboa e que a qualquer momento pode mover-se, causando novo terramoto e tsunamis. Se pudéssemos olhá-la de cima da estratosfera possivelmente seria muito semelhante a este rasgo na pedra. Para mim, este traço geológico é um contador de tempo desta cidade luz toda ladrilhada de pedrinhas e estas fotogravuras tornaram-se seu retrato. Consigo até ouvir um *tic-tac* ao pensar nelas (de um relógio ou de uma bomba?). Uma vida em espera.

*Pedra do Real (2011-2019)* traz mais diretamente esta questão das temporalidades humana e natural que confluem. A fusão que advém da justaposição dos sulcos da mão com os das pedras marca não apenas comunhão e entrelaçamento destas existências, mas vestígios de tempos e presenças que se friccionam. Sem a pedra, a digital humana não persiste além do corpo que a gerou. Já a pedra permanece sem o humano. Esta obra é nomeada em referência aos Objetos Relacionais usados por Lygia Clark nas sessões de *Estruturação do Self*, entre eles pedras, conchas, ar, água e plásticos. Se nas investigações de Clark estes elementos são trazidos para gerar experiências corporais em seus clientes, nas obras de Maria Laet, a pedra e o ar são agentes de presentificação de fenômenos e de sua própria existência. *Fôlego*, trabalho composto por balão preenchido com todo o ar presente em seu pulmão no momento de seu enchimento, poderia ser uma resposta à indagação trazida por Lygia Clark desde *Nostalgia do Corpo (1966)* em que pedia para o participante soprar dentro um saco plástico, fechá-lo com um elástico e posicionar um seixo encima. Ao manipulá-lo com a mão, a pedra movia-se, à semelhança da respiração. Maria guarda o balão preenchido por seu fôlego numa caixa de vidro com a sua exata dimensão inicial. Com o passar do tempo, o sopro vai sumindo e conseqüentemente o balão vai diminuindo de tamanho. A cápsula de vidro permanece como vestígio desta mensuração extra corpórea do fôlego até o último suspiro.

*Sobrecéu* traz outro registro de tempos. O fotograma fica exposto à luz, o tempo necessário para que a imagem desejada pela artista se realize. Neste caso, os raios de sol passam pela copa de uma árvore, formando algo que mais parece nuvens. Maria Laet fotografa o resultado para congelar o instante e esta fotografia é posicionada ao lado do fotogra-

made into engravings, the light seems to be emerging from rocks, and in one of them a crack is displayed. Immediately I recall Lisbon's tectonic fault and how it could move at any moment, causing a new earthquake and tsunamis. If we could look at it from above the stratosphere, it would possibly be very similar to this tear in the stone. To me, this geological feature is the chronometer of this pebble-tiled city of light, and these photogravures have become its portrait. I can even hear a *tick-tock* when thinking of them (a clock or a bomb?). A life on hold.

*Pedra do Real / Stone of the Real (2011-2019)* places the question of confluent human and natural temporalities more directly. The fusion that comes from the juxtaposition of the creases of the hand with those of the stones signifies not only communion and intertwining of these existences, but traces of frictioned times and presences. Without the stone, the human fingerprint does not persist beyond the body that generated it. On the other hand, the stone remains without the human. This work is named after the Relational Objects used by Lygia Clark in the *Structuring the Self* sessions, including stones, shells, air, water, and plastics. If in Clark's investigation these elements are brought to generate bodily experiences in her patients, in Maria Laet's work, stone and air are agents of manifestation of phenomena and of her own existence. *Fôlego / Breath*, a balloon filled with all the air present in the artist's lung at the time of filling, could be a response to the question brought by Lygia Clark from *Nostalgia of the Body (1966)*, in which she asked the participant to blow into a plastic bag, close it with a rubber band and place a stone on top. By manipulating it with one's hand, the stone would move, emulating breathing. Maria keeps the balloon filled with her breath in a glass box with its exact initial dimension. Over time, the breath dissipates and, consequently, the balloon decreases in size. The glass capsule remains a vestige of this extra-bodily breath measurement until its very last sigh.

*Sobrecéu / Overhead* presents another register of time. The photogram is exposed to light, for however long it takes to produce the image desired by the artist. In this case, the sun rays pass through the top of a tree, forming something that looks more like clouds. Maria Laet photographs the result to capture the moment, and this

# 3 + 1

ma, que, ao longo do tempo vai mudando de cor até possivelmente a imagem desaparecer. Uma outra obra com e sobre ciclo de vida. Vestígios também informam *Daquilo que não se vê*, uma coleção de papéis que embalaram, protegeram, ampararam e/ou fizeram parte de outros trabalhos e processos. A gradação de tons de branco tanto diz respeito às especificidades dos materiais quanto ao seu tempo de existência e forma de uso. Trata-se de mais um convite à observação e contemplação do rastro e dos vestígios. A manipulação destes livros deixará novos resíduos e marcas. Uma outra maneira de assinalar o tempo e o toque. Muito provavelmente estes registros sobreviverão aos dados informacionais, ao mundo digital, a nós que estamos aqui neste momento.

photograph is placed next to the photogram, which changes colour over time until the image eventually disappears. Another work with and about the cycle of life. Traces also inform *Daquilo que não se vê / That which we don't see*, a collection of papers that were used for packing, protecting, supporting and/or that were part of other works and processes. The gradation of shades of white concerns the specificities of the materials as well as their time of existence and form of use. This is another invitation to the observation and contemplation of the trail and the vestiges. The handling of these books allows for new residues and marks. Another mode of marking time and touch. Most likely these records will survive the informational data, the digital world, and us who are here right now.

Cristiana Tejo, Lisbon, 11.2019

**Maria Laet** (Rio de Janeiro, 1982) concluiu os seus estudos na PIESP, São Paulo 2011-2012; obteve o seu MA em Theory and Practice of Transnational Art na Camberwell College of Art and Design, Londres, Reino Unido. Realizou residência artística na Schloß Balmoral, Bad Ems, Alemanha (2009), no Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisboa (2010) e na Residency Unlimited, Nova York (2014). Desde 2010, mostrou seu trabalho individualmente no Rio de Janeiro, São Paulo, Paris, Lisboa, Milão, Lyon e Nova Iorque. Participou da 33ª Bienal de São Paulo: *Afinidades Afetivas*, São Paulo (2018) e na 18th Biennale of Sydney: *All Our Relations* (2012). Das suas exposições destacam-se: OTIUM #4, IAC, Lyon, França (2019); 33ª Bienal de São Paulo: *Afinidades Afetivas*, São Paulo, Brasil (2018); *Cosmogonies*, au Gré des Éléments, MAMAC, Nice (2018); *Video Art in Latin America*, LAXART, Los Angeles (2017); *La Vie Aquatique*, Musée Régional d'Art Contemporain, Occitanie/ Méditerranée, França (2017); *The Valise*, The Museum of Modern Art, Nova Iorque (2017); *Tangents*, MSK, Gent, Bélgica (2015); *Encruzilhada*, Parque Lage, Rio de Janeiro (2015); *Rumors of the Meteore*, 49 Nord 6 est - Frac Lorraine, Metz, França (2014); *Everydayness*, Wyspa Institute of Art, Gdansk, Polónia, (2014); *From the Margin to the Edge*, Somerset House, Londres (2012); 18th Biennale of Sydney: *All Our Relations* (2012); *Convite à Viagem*, Rumos Itaú Cultural, São Paulo (2012); e *O Lugar da Linha*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói e Paço das Artes em São Paulo (2010). A sua obra integra coleções do MAM, Gilberto Chateaubriand, Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea de Niterói; 49 Nord 6 est - Frac Lorraine, Metz, França; MSK, Gent, Bélgica; AGI Verona, Itália; Uría Menéndez, Madrid/Lisboa; Maria Cristina Masaveu Peterson Foundation, Madrid; Colección Patricia Phelps de Cisneros e MoMA, Nova Iorque; entre outras coleções nacionais e internacionais.

**Maria Laet** (Rio de Janeiro, 1982) concluded studies at PIESP, São Paulo, 2011-2012; received her MA in Theory and Practice of Transnational Art from Camberwell College of Art, London, UK, before receiving her Postgraduate in Fine Art from Chelsea College of Art and Design, London UK. She participated in art residencies such as Schloß Balmoral (Bad Ems, Germany, 2009), Carpe Diem Arte e Pesquisa (Lisbon, 2010), and Residency Unlimited (New York, 2014). She has exhibited her work individually since 2010 in Rio de Janeiro, São Paulo, Paris, Lisbon, Milan, Lyon and New York. She participated in the 33rd Bienal de São Paulo: *Affective Affinities*, São Paulo, Brazil (2018) and the 18th Biennale of Sydney: *All Our Relations* (2012). Relevant exhibitions include: *Quase um nada*, OTIUM #4, IAC, Lyon, France (2019); *Cosmogonies*, au Gré des Éléments, MAMAC, Nice (2018); *Video Art in Latin America*, LAXART, Los Angeles (2017); *La Vie Aquatique*, Musée régional d'art contemporain, Occitanie/Méditerranée, France (2017); *The Valise*, The Museum of Modern Art, New York (2017); *Tangents*, MSK, Ghent, Belgium (2015); *Encruzilhada*, Parque Lage, Rio de Janeiro (2015); *Rumors of the Meteore*, 49 Nord 6 est - Frac Lorraine, Metz, France (2014); *Everydayness*, Wyspa Institute of Art, Gdansk, Poland (2014); *From the Margin to the Edge*, Somerset House, London (2012); *Convite à Viagem* (Rumos Itaú Cultural, São Paulo, 2012); and *O Lugar da Linha* (Museu de Arte Contemporânea de Niterói and Paço das Artes in São Paulo (2010). Her work is part of collections such as MAM, Gilberto Chateaubriand, Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea de Niterói; 49 Nord 6 est - Frac Lorraine, Metz, France; MSK, Ghent, Belgium; AGI Verona, Itália; Uría Menéndez, Madrid/Lisbon; Maria Cristina Masaveu Peterson Foundation, Madrid; Colección Patricia Phelps de Cisneros and MoMA, New York, as well as other national and international collections.